

# BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**  
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**  
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.  
Dr. Antonio do Valle e Sousa.  
Conde da Esperança.  
E. Severim de Azevedo (Crispim).  
Ferreira Mendes  
D. Jorge de Menezes.  
J. Nunes de Freitas.  
Luiz Trigueiros.  
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**  
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**  
EDITOR — Carlos Abreu.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial

1 DE AGOSTO DE 1913

N.º 349

## ASSUMPTOS ARTISTICOS

Quadros celebres



*Tocando cravo*

(Quadro de Gaspar Nettscher)

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de agosto de 1913

**É** pasmoso o que se tem passado em Lisboa, cujas ruas se vão tornando perigosas de frequentar, a não ser que o transeunte se resolva a andar de olhos baixos e antes d'isso tenha feito uma visita ao Museu da Revolução, solememente inaugurado no tempo do Governo Provisorio, para conhecer o que é uma bomba, ou pelo menos o seu aspecto exterior, evitando assim tropeçar com esse mortífero objecto, muito mais traiçoeiro do que a navalha com que o fadista tenta assassinar-nos quando passamos por um portal ou ao dobrar uma esquina.

Os factos succedidos são do dominio de toda a gente, podendo resumir-se da seguinte maneira:

Na madrugada de 19 para 20 do mez findo, esboçou-se em Lisboa uma tentativa revolucionaria de caracter evidentemente *avançado*, cujas consequencias mais lamentaveis foram os assassinatos de um guarda republicano e de um policia, este ultimo victimado por uma bomba que alguém atirou sobre um automovel carregado de explosivos que o mesmo policia tinha apprehendido.

No dia seguinte, uma pobre creança de 9 annos, encontrava uma bomba na rua dos Lagares e começando a brincar com ella, sem saber do que se tratava, ficou gravemente ferida em virtude da explosão que se produziu.

Logo a seguir, no dia 21, um homem que, segundo se diz, era um bom republicano, ficou sem um braço quando estava desaparecendo uma bomba n'uma loja da travessa da Palha.

N'esse mesmo dia ou no seguinte, não me lembro bem, duas creanças que passaram pela praia de Parede ficaram ligeiramente feridas por causa d'uns petardos que no mesmo local encontraram.

Finalmente, no dia 24, eram achadas, por umas creanças que andavam brincando nas escadinhas do Monte, outras duas bombas que, explodindo na occasião em que brincavam com ellas, feriram gravemente sete d'essas creanças, uma das quaes fallecia pouco tempo depois, ficando a outra sem ambas as pernas.

Estas foram as bombas que causaram victimas, mas muitas mais teem sido encontradas e apprehendidas pela policia, em pontos diversos da capital, não contando as que voluntariamente teem sido entregues no Governo Civil pelos seus antigos possuidores.

Inventariados resumidamente os factos, impõem-se naturalmente os commentarios. Antes, porem, de os fazer, quero accentuar que não serei eu quem classificará de violentas quaesquer medidas que o governo venha a adoptar no sentido de impedir que um tal estado de cousas continue ou se repita, justificando assim que lá fóra, no estrangeiro, se digam cousas desagradaveis a nosso respeito, confundindo a totalidade do paiz com a pequena minoria de bombistas que começaram a apparecer com os primeiros annuncios da revolução de 5 de Outubro.

A primeira cousa que impressiona é a apparente indiferença da nação perante os factos que se teem passado. Chamo-lhe apparente porque ninguem deve ter duvidas sobre o verdadeiro sentir do nosso povo ácerca do assumpto que estou tratando. O povo honesto e bom, trabalhador e affectivo, e é assim, felizmente, a grande maioria da nossa gente, só a custo, só pela força das circumstancias, tolera que a sua vida ande constantemente ameaçada pelo perigo que pôde resultar de uma explosão em casa do visinho, que tem idéas politicas *avançadas* ou se presa de ser um leal defensor do regimen, ou do tropeçar na rua com qualquer petardo, que mão cobarde e criminoso entendeu dever abandonar, como se se tratasse do mais inoffensivo dos objectos. O povo, o verdadeiro povo, reprova todas as selvagerias e, se os governos não tomarem providencias energicas, chegará um dia em que elle se resolva a castigar por suas mãos os criminosos que vão assassinando creanças e gente indefeza, pondo em risco a segurança e a tranquillidade da patria.

Outra cousa que impressiona é o aspecto politico que se tem dado aos ultimos acontecimentos, tentando envolver n'elles, sem provas, os monarchicos que, escusado é dizel-o, não me deram procuração para os defender.

Parece que os monarchicos estão vivendo hoje cá no paiz

como os primitivos christãos no imperio romano. Felizmente o sr. dr. Affonso Costa não é um Cesar e ainda menos o imperador Nero, porque se o fosse já os pobres *thalassas* teriam sido lançados ás feras do Jardim Zoologico ou convertidos em torresmos.

São os monarchicos quem promove as greves, são elles quem deseja vender a patria ao estrangeiro, são elles que fizeram, concorreram para se fazer ou queriam aproveitar o 27 de abril, o attentado da rua Nova do Carmo e a tentativa revolucionaria da ultima quinzena, são elles os bombistas, os traidores, os criminosos!

E afinal as provas?!

Teem sido presos monarchicos? Não. Os republicanos ou os syndicalistas presos já confessaram que fossem mandados pelos monarchicos? Também não. Os socialistas, anarchistas e syndicalistas apoiavam a monarchia? Ainda menos e até se diz que ajudaram a implantar a republica.

Agora vejamos a questão sob outro aspecto, aproveitando o dictado que ensina que *pelo andar da carruagem logo se vê quem vem dentro*.

Quantos monarchicos teem sido presos por fabricar bombas ou por se servirem d'ellas? Quantos estão nas Penitenciarias por esse motivo? Que livros de propaganda monarchica existem onde se faça a apologia da bomba?

Nada, absolutamente nada se encontra que deponha contra os partidarios do antigo regimen. Apenas se dá como prova o facto de só aos monarchicos poderem aproveitar os recentes acontecimentos.

Com effeito assim é. Seria inepto quem não soubesse vêr que os monarchicos teem tudo a lucrar com o descredito da republica, desde que esse descredito não seja tão grande que atinja a honra do paiz. Querer, porém, concluir d'isto que sejam elles quem anda promovendo o desasocego do paiz, affigura-se me um disparate tão grande que provocaria o riso, se esse disparate não fosse susceptivel de ter as peores consequencias, se não trouxesse consigo o veneno d'um fanatismo politico que não olha aos meios quando pretende os fins, que são n'este caso a anulação dos partidarios d'uma forma de governo que durante muitos seculos fez a felicidade e promoveu a gloria de Portugal.

Teem os monarchicos culpa de que haja quem queira fazer republicas radicaes ou de qualquer outro feito? Teem elles culpa de que se fabrique bombas e exista quem d'ellas se sirva? Não foram os primeiros a censurar a existencia de um Museu da Revolução onde essas bombas foram expostas? Poderiam os monarchicos incitar á pratica de actos que elles seriam os primeiros a reprimir, custasse o que custasse, no dia em que a monarchia fosse restaurada?

A bomba é a mais traiçoeira das armas. E' a arma de quem não tem força para convencer pela discussão ou para vencer lutando em combate leal. A bomba opera pelo terror, de surpresa, lançada á traição do alto de um telhado, á esquina de uma rua, debaixo de uma arvore ou por detraz de um muro. A bomba não pode servir como arma politica, para defender ou para implantar regimens.

A politica é a sciencia que trata do governo dos povos e estes só devem ser governados em harmonia com as aspirações do maior numero, o que está em completa opposição com o significado da bomba que, quando não indica apenas selvageria e malvadez, só demonstra a imposição terrorista d'uma minoria sem força.

Não, aos monarchicos nenhuma responsabilidade cabe nos factos que teem succedido e que todos conhecem. Esses factos teem realmente, em parte, uma feição politica mas que de fórma alguma pôde merecer a approvação dos defensores da causa realista. Os responsaveis ha de mais tarde aponta-los a Historia, quando fór tempo d'ella se escrever com a devida imparcialidade.

N'este momento o que é urgente é acabar com um tal estado de cousas. Cumpra o governo com o seu dever, que n'este caso é ao mesmo tempo uma obrigação patriotica e humanitaria.

J. NUNES DE FREITAS.

**NOTA.** — Estava já impresso o artigo acima quando tive conhecimento da prisão de um individuo que dizem ser monarchico e que havia encomendado uma porção de bombas a um republicano.

O caso não está ainda sufficientemente esclarecido e de forma alguma n'elle pôde ser envolvida a responsabilidade de um partido. De resto a minha opinião sobre o assumpto — *bombas* — é a mesma trate-se de quem se tratar. E' preciso fazer desaparecer o mal e evitar o contagio.

J. N. DE F.

# NO EXILIO



*O Senhor D. Manuel, sua noiva, a princesa Victoria de Hohenzollern, seu futuro sogro e a Senhora D. Amelia*

# O Conspirador

(Conclusão)

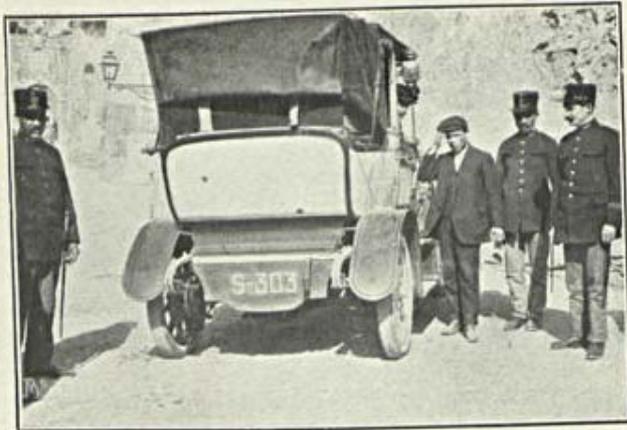
III

**A** GORA, ali sósinho, quando as velhinhas saíam de o visitar e ele via afastarem-se aquelas figurinhas, vestidas de preto, muito pálidas e lacrimosas, que lhe haviam contado quanto as fazia sofrer a atmosfera de ódio em que os vizinhos malditos do 3.<sup>o</sup> andar ainda as envolvia, ao pobre rapaz, levantava-se-lhe o peito em ancias sufocantes de reprezalias contidas, sentindo todo o horror da sua fraqueza e impotencia.

Uma noite, encostado á pequena mesa de pinho que guarnecia o seu exiguo quarto, numa trapeira do sujo casarão que se chama cadeia central de Lisboa, estava rememorando as scenas doces e harmoniosas da sua vida passada, com os olhos humidos de lagrimas, na recordação d'esses anos tranquilos, decorridos entre os dois affectos que o acalentavam, tempos ainda tão proximos, mas que a situação presente lh'os afigurava tão longiquos, quando foi despertado daquela especie de sonho, por um barulho inesperado e confuso.

Gritos, imprecações, gente que parecia fugir, corpos rolando no chão, uivos, gemidos, como que um montão de pessoas que se esmagam, esfaqueiam, estrangulam, ou fogem espavoridas ante um perigo qualquer inesperado... um sinistro talvez.

Os cabelos puzeram-se-lhe em pé. A ideia dum incendio acudiu-lhe ao pensamento como um latego a fustigar-lhe o cerebro. Correu para a janela, numa angustia indescriptivel, os dedos



A tentativa revolucionaria de 20 de Julho — O automovel onde morreu o policia n.º 1111 victimado pela explosão de uma bomba

enclavinaram-se-lhe nas grades, ao sentir o contacto d'essa barreira invencivel.

Do Tejo, centos de olhos fosforescentes pareciam olhá-lo com terror!...

Luzinhas oscilando nos barcos como se estremecessem pelo perigo que o ameaçava a ele... O suor inundava-lhe a fronte numa agonia inconfundivel. Voltou, cambaleando, para a porta,

abriu-a, e logo deparou com uma scena de inqualificavel horror:

Guardas levavam creaturas ensanguentadas que se tinham esfaqueado, presos, que numa lucta de animaes ferozes, liquidavam odios de momento, questões de occasião, saldadas ali, a murro e á facada.

Nessa noite não dormiu, numa agitação febril revolvendo-se na enxerga de palha, não podendo conciliar o somno. Só quando os pálidos clarões da aurora começavam a invadir o quarto, entrou nesse amargo torpor que precede os somnos pesados do infortunio.

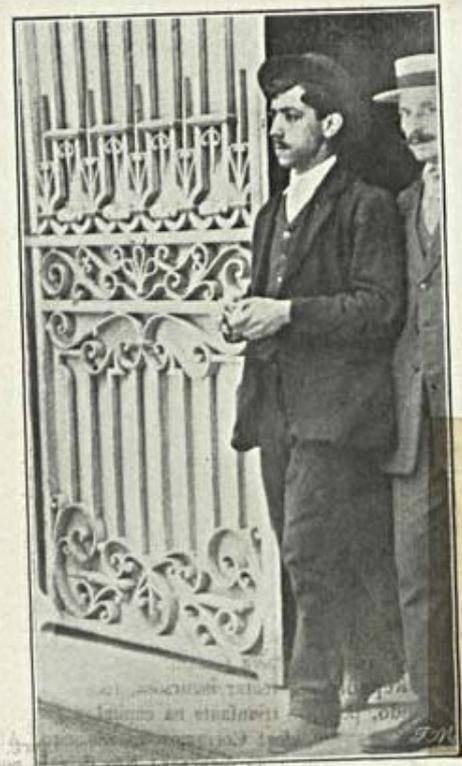
Mas procedia-se á contagem dos presos: umas pancadas secas á porta avizaram-no que tinha de entrar na fôrma, como todas as madrugadas. E o mísero Miguel lá foi, nessa manhã, a tiritar num frio nervoso, embrulhado no comprido casaco que as tias lhe tinham mandado para a prisão.

Ao voltar para a cela, atirou-se para cima da cama, prostrado, sem forças quasi para pensar. Mas como uma infelicidade nunca vem só, estava escripto que o infeliz conspirador não poderia dormir nessa manhã. Era dia de banho.

— Toca para o banho! — grita-lhe uma voz grossa e áspera.

Agora é que foram elas. Agulheta em riste, zás! Um esguicho medonho

fê-lo dar um grito, e era tão forte e gelado, tão intenso para aquele pobre corpo franzino, espreitado pela tuberculose, que o fez cambalear, gelando-o até aos ossos, obrigando-o a erguer os braços numa sufocação que o punha louco de sofrimento.



A tentativa revolucionaria de 20 de Julho  
Manuel Afonso, um dos individuos que já no automovel apprehendido pela policia (Phot. de ...)

Ao chegar ao quarto, desatou a chorar; não podia mais.

Nesse dia, quando as velhinhas, muito pálidas, o abraçavam, naquela visita regulamentar do meio dia às duas horas, ficaram muito aflitas porque o pobre Miguel ardia em febre e tinha os olhos vermelhos das lágrimas.

A saída ainda as acompanhou até ao fim do corredor, querendo fazer-se forte para as não molestar mais. E elas, todas tremulas, caminhando entre aquele bando enorme de gente, que tem de sair junta e à mesma hora, empurradas por criaturas asquerosas, que as troçavam e magoavam, que lhes batiam com os cestos nas costas, casquinando facecias ignobeis, comentando os seus modos receiosos e a limpeza do seu vestuário, agarravam-se uma à outra, no balanço d'aquela onda humana, sentindo, cheias de nojo e angustia, o contacto de todas aquelas sujidades, e o bafo fétido e nauseante do vinho azedo e das bocas mal tratadas.

E isto todos os dias, todos os dias! Muito unidas, muito junti-

Como era possível agora, às pobres velhinhas, que o ouviam aterradas, provarem, com a simplicidade das suas lágrimas e queixumes, que êle não era, depois d'aquelas palavras *subversivas*, o mais temível dos conspiradores?

Oh! não, pobres criaturas, não valia a pena cansarem-se! Tudo impossível, tudo inutil. Pois se êle havia confessado! Se a febre o tinha atraído e... mesmo sem querer, tinha dito tudo...

## IV

No dia do julgamento lá estava o denunciante, o antigo laçao da casa real.

Com um sorriso satisfeito, o seu escuro bigode, á semelhança d'um rato imundo, sobre uns beiços delgados e lívidos, irriçava-se-lhe de vez em quando, na alegria selvagem e cruel de ver o antigo bemfeitor perdido, a pobre creança que o salvara da fome,

## A QUESTÃO DO ORIENTE

### A guerra entre os estados balkanicos



*Os reservistas romenos deixando Bucarest para irem juntar-se aos seus regimentos*

nhas, as duas fracas criaturas, que eram, em todo o caso, o unico amparo do desgraçado rapaz, respiravam enfim ao chegarem cá fóra, quando se abria a ultima jaula á saída d'aquela massa de gente; mas voltando os olhos para o tenebroso edificio, soltavam o mesmo suspiro doloroso, caminhando ambas chorosas e desalentadas com a lembrança do seu filho, do seu pequeno Miguel, que ali lhes ficava sofrendo.

E todos os dias este calvario inconcebível, mas naquele mais horrível ainda, porque êle lá ficava doente e sem lhe poderem valer.

Os viandantes passavam indiferentes, e alguns riam... Duas velhas a chorar! que cousa tão ratona! Se fôsse numa fita de animatografo, talvez despertassem interesse, mas ali, nas ruas, que disparte! E já tinham sorte em não serem apupadas...

No outro dia, lá estava o Miguel na enfermaria; o infeliz delirava na intensidade da febre.

Julgava-se então o Paiva Couceiro, sim, era êle, a desfazer soldados da Republica, a tentar incursões, rodeado de conspiradores e, entrando, por fim, triunfante na capital, a gritar:

— Abaixo os rebeldes! Corramos ao Limoeiro. Abaixo esse maldito antro do vicio e da desgraça! Não deixem pedra sobre pedra. Soltem os presos, todos, todos! Que não fique lá o nosso Miguel! Tudo para a rua... A Bastilha tambem caiu. O Limoeiro cairá enfim!

em troca dos 200.000 reis, agora roubados e que já não lhe seriam exigidos.

E' claro que a carga que lhe fez foi medonha.

Em casa das velhas reuniam-se pessoas finas, tudo thalassas. O rapaz recebia cartas dos conspiradores, uma das quaes, interceptada pelo ex-cocheiro, era terrivelmente comprometedora. Pudéra! Pois fóra o proprio Paiva Couceiro quem a escrevera, o imprudente!

Tão parvo e ingenuo que apenas disfarçou a letra e mandou-lh'a, muito naturalmente, pelo correio de Lisboa, quando uma vez por aqui passou, occulto. Pois então? Era uma revelação importante! O antigo laçao sabia cousas inauditas!

Era um homem prestimoso!

Estava mais que provado que o Miguel era um dissimulado e por isso mesmo, um temível conspirador. Tinha 19 anos, é verdade, mas que importava isso?

Essa idade tambem a tiveram os maiores criminosos.

Não houve meio de o salvar. A carta escrita pelo proprio cocheiro, que fóra o seu unico autor, era esmagadora.

O advogado, se continuava a defendê-lo com muito calor, seria tozáo á saída.

Era preciso cuidado. O juri tambem não esteve para se meter em trabalhos...

O rapaz foi condenado em dois anos de prisão maior celular, seguidos de oito de degredo.

mais proxima do seu Miguel, a outra, a que sobrevivera, vagueava, mais distante, por aquela casinha solitaria e desconfortada, outr'ora tão feliz, sorrindo vagamente para o retrato do sobrinho que o representava aos 15 anos, todo sorridente e gracioso e ali estava a segui-la com o seu olhar meigo e bom.

Lampejos do passado que surgiam, por vezes, no cerebro adormecido da pobre idiota...

E éle? Éle... que importa saber?... Tinha sido feita justiça e a sociedade estava satisfeita.

LUTHGARDA DE CAIRES.



A guerra entre os estados balkanicos — Tropas romenas

Miguel, uma sombra do que fôra, tão palido e abatido que mais parecia um velhinho do que um rapaz na flor da vida, cambaleava ao levantar-se do banco maldito, ouvindo a sua sentença de morte...

Olhou para as pobres velhinhas, que soluçavam e levou aos labios o lenço que ficou tinto de sangue.

Elas tremiam, caminhavam atraz d'ele, d'olhos esgaziados, faces lividas, as mãositas, descarnadas, apertando-se convulsamente...

A' porta, quando o meteram no carro celular, a mais nova tombou docemente... e a outra, a mais velhinha e enrugada, só encontrou de encontro ao peito o cadaver da irmã, da outra mãe do seu Miguel que com éle lhe desaparecia tambem, para sempre...

Passados dias, nada restava do pobre amanuense, senão mais um numero na Penitenciaria e uns olhos, quasi cegos de chorar, que se divisavam, embaciados, atravez dos buracos da mascara maldita.

\* E enquanto a mais nova das velhinhas dormia o seu ultimo somno, á sombra dos ciprestes, ali, no cemiterio dos Prazeres,

dova, onde estiveram servindo de lampadas, até que D. Fernando, tendo reconquistado esta cidade em 1270, ordenou que



A guerra entre os estados balkanicos — Infantaria romana fazendo fogo

os mouros fossem collocar os sinos no seu logar, carregando com elles. Assim se lê na *Monarchia Luzitana*.

## POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXXIII

### O Mystério da Mortagua

(Excerto d'um romance em preparação)

Os primeiros raios quentes do sol de junho começavam a dourar os trigaes, quando uma tarde o Silvestre do correio, entregou em casa das Senhoras de Mortagua um telegramma annunciando a formatura do afilhado. Foi uma alegria, e rapidamente a nova espalhou-se por toda a villa.

Na pharmacia do Paiva, onde os mais grados da terra se juntavam, comentou-se muito o caso porque o Alfredo «era um doivanas».

— Bamburrios da sorte... um burrancas!... — bramou, por entre um acesso de catharro, o recebedor.

O Paiva então com a espatula em punho verberou energica-

mente contra o favoritismo das escolas d'onde se sahia completamente em «branco».

— Que não é por me gabar, mas do meu curso fui eu o unico que aproveitei. O unico... — e espalmou com força a vanzelina sobre a pedra branca, agitando-se vaidoso no guarda-pó cinzento que lhe chegava aos tornezellos.

A' noite, em casa das Senhoras de Mortagua o serão foi mais concorrido. Todos quizeram ir felicital-as pela boa nova.

— E quando vem o meu collega? — interrogou o dr. juiz, babando de gozo a D. Philomena.

Esperavam-n'o breve. No fim da semana o mais tardar. Combinou-se festa rija para esse dia: um jantar para que desde logo todos os presentes ficavam convidados e á noite um serãozinho com musica.

— Umas poesiasinhas á mistura, tambem não cahiam mal — alvitrou o Rosalino, amanuense da Camara.

Ficou assente o programma, e o dr. juiz deixou transparecer com um fino sorriso diplomatico, que o seu verbo eloquente abrihantaria a festança, «em nome da magistratura que elle se honrava de representar ali e em toda a parte».

— Elle merece, elle merece, concordaram todos em côro, quando a D. Philomena disse que tinha gosto em receber o Alfredo dignamente. E pelo seu olho pardo de cincoentona engeilhada cahiu uma lagrima de commoção.

Tinha-o creado de pequenino, ella, e a mana Rosa. O caso fôra muito fallado n'esse tempo, e a lenda mysteriosa que o envolvia ainda arrancava sorrisos scepticos ás má-linguas da terra.

O Alfredo appareceu na Mortagua uma manhã que nevava, a grunhir dentro d'um berço. Ninguém sabia bem como, porque esse segredo tinha-o levado para o tumulo a bôa Maria do O' que reventara no inverno seguinte com uma anazarca. Fôra ella a unica testemunha d'essa appareição que as Senhoras da Mortagua contavam com recatada modestia, porque até parecia mal — como dizia a D. Rosa — aos seus sentimentos christãos andar a fazer alarde d'uma obra de caridade tão vulgar. «E depois tinha sido tudo muito simples» — contava. N'esse anno demoraram-se mais na Mortagua porque a mana Philomena andava incomodada dos rins. N'uma manhã, ainda ao lusco-fusco, a Maria do O' (que Deus tenha) tinha ido á horta da varzea, e quando atravessava o atalho encontrou junto da fonte n'um cesto vimo, uma creancinha embrulhada em farrapos. O anjinho estava roxo de frio. Aconchegou-o ao seio e correu a casa. Era uma perfeiçõzinha de gordura. Todos os esforços foram baldados para saber quem seria a mãe desnaturada. «Adoptámo-l'o, e eu — concluiu então a D. Philomena com as faces violáceas de commoção — servi-lhe de madrinha. O que toda a alma christá faria, foi o que nós fizemos...

Assim ficou explicada a vinda ao mundo do Alfredinho, que quando a D. Philomena melhorou dos rins e regressou á villa, o prior de graça, baptisou como filho de paes incognitos.

O rapazelho cresceu entre os paparicos da madrinha e da tia, como elle se acostumara a chamar á D. Rosa. Cabulou no lyceu e quando tinha 16 annos partiu a cara ao secretario da administração. Foi temido na villa pelo seu braço robusto, e admirado como herdeiro de Mortagua, que dava só em vinho para cima de 5 contos de renda.

A madrinha fazia gosto que elle fosse militar, por causa da farda que lhe havia d'ir a matar, mas a bossa do Alfredinho era para advogado. Berrar nos tribunales! — como elle dizia, acavallando-se no mocho da cozinha.

Quando foi p'ra Universidade ninguem acreditava que levasse a formatura ao fim. Mas com pasmus e admiração da villa, o Alfredinho ao fim de seis annos apparecia bacharel em direito.

Em Coimbra, vivera primeiro em casa do solicitador Gaspar, homem rubro de corpo e alma, que em tempos tratara d'uma demanda que as Senhoras da Mortagua tinham trazido na comarca, com os Leitões do Olivado. A D. Philomena quando o Alfredinho chegára a casa com as faces suadas e a approvação no 7.º anno dos lyceus, expoz logo o plano que ha muito acariciava de confiar os estudos universitarios do seu afilhado ao austero sr. Gaspar em quem via um bom «encaminhador para a mocidade». E depois de tres cartas estabelecendo as condições do novo pupilo do solicitador, o Alfredinho marchou por uma tarde nevoenta, babujado de beijos das Senhoras da Mortagua, a caminho da casa do sr. Gaspar, que morava para os lados da Sé Velha, n'um primeiro andar de apparencia limpa, com janellas de peitos.

Tres mezes depois o rapaz deixava a casa do solicitador porque — segundo o austero sr. Gaspar explicou — «não podia conseguir o conveniente recato na sua modesta mas honrada choupana, desde que o afilhado de S. Ex.<sup>as</sup> se tinha abalançado a aventuras ruidosas com as serviaças da casa».

A boa madrinha e a mana Rosa «com mil desculpas apresentadas ao digno sr. Gaspar para que perdoasse essas verduras da mocidade, aliás indesculpaveis, enviaram duas extensas folhas de papel, cheias de moral e reprimendas, ao Alfredinho, que por sua vez expoz as vantagens de com outros companheiros arrancharem n'uma casa onde o estudo seria mais proveitoso por «só a sciencia ali imperar».

Assim conseguiu fazer o resto da formatura, entre os beijos d'uma trigueira alta que lhe lavava a roupa, e as guitarradas alegres no «tio Alfonso».

No dia da sua chegada á villa foi uma romaria á Praça Nova, onde as Senhoras da Mortagua habitavam n'um casarão caído de branco com uma varanda larga ao meio.

O Alfredo tinha então 24 annos. Era alto, delgado, com os cabellos negros e os olhos castanhos claros. Tinha pelas Senhoras da Mortagua o respeito e amizade d'um filho; e nunca na sua mente se tinha fixado a ideia de investigar o seu nascimento mysterioso. Aceitava a condição em que se encontrava, como um facto natural, imposto pelo Destino.

Se a palavra engeitado alguma vez lhe zunzia no cerebro como uma aguilhoada humilhante, dissipava-se rapidamente como

uma nuvem ligeira incompativel com o seu espirito despreocupado. Era feliz, com essa felicidade que nasce d'um corpo sadio e d'uma alma simples, couraçada pelos cobres das Senhoras da Mortagua, para os encontros da vida.

Com o orgulho da sua carta de bacharel, pensava elle compenhar a madrinha e a tia, partilhando com ellas a vaidade da sua posição.

No dia da chegada, o Alfredinho, ao pé da janella, na sala de visitas, recebia os convidados que ali iam no jubiloso cumprimento d'uma felicitação affectuosa sorrindo-se e requebrando-se com a boca aguada pela janturada com que as Senhoras da Mortagua festejavam a entrada do novo advogado na carreira de Justiça. Os intimos já tinham chegado quando, grave e solemne, na sua sobrecasaca preta onde a roseta de Christo punha uma nota heroica, chegou o dr. juiz, baluçando a barriga onde um grilhão cahia em arco.

Houve um murmuro de respeito intimo, de veneração jubilosa pela balança augusta onde todas as questões eram pezadas com recta integridade. Com o chapéu fino na mão esquerda d'onde a bengala de canna da India pendia suspensa entre dois dedos grossos e cabelludos, o dr. juiz, cumprimentou os presentes, com um sorriso protector de quem se sente no topo da escada social.

— Collega, felicito-o pela sua formatura e espero em nome da magistratura que tenho a honra de representar, aqui e em toda a parte, que a sua comprovada intelligencia e honestissimo caracter sejam mais uns fortes alicerces para avigorar a instituição basilar da Justiça.

O Alfredinho agradeceu risonho e n'um gesto galante offereceu uma cadeira estofada á D. Maria do Rosario, a virtuosa esposa do magistrado, que n'esse dia engrinaldara o seu corpo ossudo com uma *toilette* verde com peitilho cõr de rosa, berrante.

Eram ao todo uns quinze, que n'aquella sala de estofos amarellos cuidadosamente cobertos com linho escuro se tinham reunido para festejar o afilhado das senhoras da Mortagua. Gralhavam alto; e havia ditos que provocavam o riso forçado, em consideração pela pessoa que os dizia. O amanuense Rosalino, sempre que o secretario da Camara architectava uma pilheria, abria as valvulas da sua garganta esgaldada, n'uma approvação estrondosa de infinita consideração pelo seu superior hierarchico. Mas os guinchos hilariantes subiam ao rubro da veneração quando o dr. juiz dizia coisas divertidas.

Fallou-se de desastres e diversas aneddotas salpicaram o tragico com o burlesco. O magistrado contou então que uma vez — era elle ainda delegado — tinha ido a um corpo delicto, no meio d'uma serra.

— Fui a cavallo e a certa altura, n'uma volta da azinhaga, o cavallo impina-se, dá uma fungada, e zás...

O Rosalino achou que devia provar a sua consideração pela pilheria do sr. dr. juiz, e grasnou alta uma gargalhada sonora.

— Quebrei duas costellas pelo que não acho motivo para rissotas — concluiu o magistrado severamente.

Todos olharam para o Rosalino que, enfiado, fez-se verde. Para atenuar o effeito, o padre Julio contou tambem um desastre que lhe succedeu na caça, enquanto o secretario da Camara puxava pelo amanuense para um canto.

— Ora que você ha-de sempre dar bota!... Quando não é nos officios é nas salas...

— Mas não foi para offender o sr. dr. juiz — desculpou-se o Rosalino...

— Pois sim, mas foi inconveniente... Não ria mais homem. Você sabe que tem azar...

O amanuense concordou e foi postar-se a um canto da sala vendo as estampas d'uma historia de França.

Nos montes altos que se estendiam ao longe, defronte da casa das Senhoras da Mortagua, o sol começava a encobrir-se quando de volta da mesa larga, na casa do jantar, os convidados se anicharam. A louça branca de fio azul e dourado resplandecia com um amontoado de doces, fructos e flores, coalhando a toalha alvissima de linho. Era um estendal de guloseimas que fazia sorrir os olhinhos redondos do padre Julio.

Durante duas horas, os travessos enormes despejaram perús e patos, cabidellas e carnes variadas, regalando o interior dos convivas que vermelhos, n'uma beatitude regalada, honraram con dignamente a arte culinaria da boa Marianna que na cozinha commandava um batalhão de mulherio arremangado e lustroso.

# Os nossos artistas

O Sr. Fernandes Costa

**V**ive o auctor d'un dos mais encantadores poetas modernos da sorte do casamento; o segundo, que a mulher que deveu grande ternura ao esposo, nem sempre, se o perde, lhe é fiel um mez. Qualidade nada symmetrica, mas profundamente feminina. Estava achada a concepção da obra que a todos nos devia dar fad deliciosas horas de ideal leitura.

Não querendo retratar mulheres, mas sim pintar a mulher, enleceer-lhe as raras qualidades e alhorar apenas os seus sentimentos e accões, quando baixos e perversos, exerceo no sexo, não só isso, como a influencia profunda que ella exerceo no poeta, que completa, Fernandes Costa procurou um titulo que sintetisasse perfeitamente a sua idea e teve a felicidade de o encontrar. Chamou-lhe *O Eterno Feminino*.

Foi Goethe o creador d'essa locução. «Para elle, — como diz o poeta na nota que completa o soneto *Helena*, — *O Eterno Feminino* é uma aspiração sempre ascendente, tendendo para um destino irrealizavel, inatingivel, mas que nos atrahie, nos eleva e nos conduz para o ceu. Para nós, *O Eterno Feminino* tem uma significação mais vasta; porém mais terrena e mais humana. É a aguçada influencia do sexo complementar, do sexo necessario e fatal para a realização da unidade humana. É a *Feminidade*, como escriptores nos chamavam e para quem a designação encontrada por Goethe era desconhecida.»

Sem querer offender Goethe, pelo menos para nós, meridionaes, a definição de Fernandes Costa é mais real, mais exacta.

Tem este notabilissimo poeta, a par da altura do pensamento, a preoccupação da forma. Não se permite a menor licença e é modelar na construcção dos versos que — é evidente — lhe brotam espontaneamente do coração nos labios como a agua mana da nascente.

O seu talento é criador e, talvez por essa razão, compraz-se mais em improvisar brillantemente do que em meditar e planear a frio, o que o não divertia. Assim, quando escreveu, em tempo, umas notaveis chronicas politicas no *Commercio do Porto*, e mais recentemente, ali por 1908, quando publicou no jornal de Worcester de Lima, *Noticias de Lisboa*, algumas cartas abertas a varios escriptores, — por tal signal, que n'uma d'ellas, um substancioso estudo acerca da traducção de Virgilio por Coelho de Carvalho, — n'essas occasiões, dizia eu que, na vespera do seu trabalho, tomava

apontamentos sobre os pontos que de preferencia desajava tratar, e fazia um plano. No dia seguinte, ao pegar na penna, se era fiel ás tenções da vespera, a breve trecho saesquencia e seguia atraz dos bicos da penna, que trasladavam febrilmente ao papel o fertil e espontaneo producto da sua viva imaginação. Aborrecido da inutilidade dos seus planos, acabou por os não fazer e se debitar de vespera com a certeza de que, no dia seguinte, lhe não faltaria assumpto para o seu trabalho que, produzido momentaneamente, parecia — tão perfeito e moavel era — longamente meditado e laboriosamente reflectido. Depois veio a doença, e o papel o fertil e espontaneo producto, prohibiu-lhe a applicação da vista. E o escriptor, julgando-se inutilizado, soffreu.

Trabalhador, activo, independente, nunca deixou uma carta; precisava-lhe que não poderia, que não saberia fazer-lo. Se elle achava que a propria penna já tinha o defecto de ser tão lenta! Se já se queixava por ter de esperar pelo seu trabalho que, por rapido, não deixava contudo de ser moroso comparado á pressa com que o pensamento se lhe alava na creca das ideias!

Para se distribuir, e tambem por necessidade de responder a algumas cartas, experimentou dicar a sua filha.

E, com espanto e jubilo seu, viu que o trabalho se fazia e ficava bom.

O estylo de Fernandes Costa, a sua *maneira actual*, como dizem modernamente, é mais perfeita? é melhor do que a antiga? é peor? Nem uma nem outra cousa? é *different*.

Na sua primeira forma havia a seiva impetuosa e forte que nada pode conter. Na segunda, a releição ponderada que exige o dictado e o cuidado escriptural na forma de apresentar as ideias, visto que tem de as escorar atravez dos olhos castos e da penna que sustenta a mão ingénua de sua filha.

Isso mesmo lhe dá um encanto novo que, longe de desvalorisar o seu trabalho, o reveste de singular graça e gentileza. Certamente que, se o auctor das *Memoirs d'un ajudante de Campo*, e de tantas outras maravilhas que correm impressas, tivesse a penna na propria mão, ao escrever *O Eterno Feminino*, teria feito observações picantes, melancolicas e graciosissimas, sem deixarem de ser delicadas, porque a delicadeza é um dos attributos fundametaes da alma d'este artista.

Mas seria mais bello assim *O Eterno Feminino*? Certo que não. Ouso mesmo affirmar que as condições especiaes em que o auctor se viu forçado a modelar a sua obra, n'uma atmosfera de pudor, lhe deram singular prestigio e enlevo.

Não é verdade? Alguem disse, em tempo, que o poeta mais parecido com Fernandes Costa, ou vice-versa, era Sully-Prud'homme. Eu detesto estas comparações, não porque ás vezes ellas não sejam exactas, mas porque... — quasi tenho vergonha de dizer porque, mas, já que comeci não ha remedio senão acabar — porque a alma portugueza é, no meu conceito, sempre superior ás outras almas; e comparar é ainda, segundo o meu modo de ver, querer diminuir o valor real d'alguem.

Já me succedeo o mesmo com um galante elogio que em tempo Camillo de Figueiredo fez da *Viagem da India*, a melhor obra de Fernandes Costa, na sua propria opinião.

Disse o eminente critico: «Não são os Lusitans, mas podem-se ler depois d'elles.»



Fernandes Costa

Indas pimenteras; e, como estava só, enquanto seguia no carro em direcção a Lisboa, elle, arrijando caminho na estrada da vida, seguiu atraz d'ella para o passado, e foi bem longe, muitos annos atraz. De repente, sem bem saber como, concluiu em verso o seu pensamento:

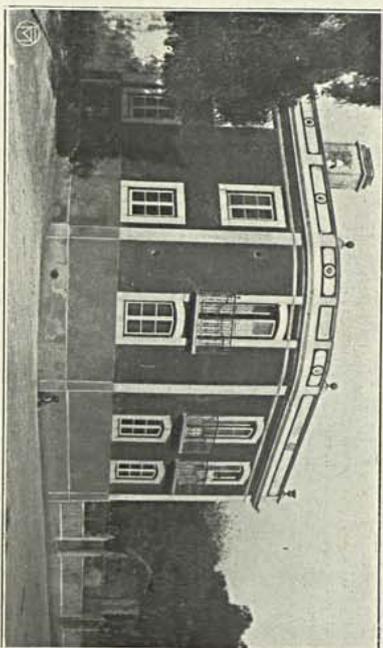
*Quando, d' sorrir não crevi favozeri; E hoje, a que teve encanto de vertice, Tem tres netos, que são os seus amores.*

Parcendo-lhe este terceto um bom fecho para um soneto, fez o outro e, depois, as duas quadras pela ordem costumada.

Achando graça á sua inesperada producção mental, apparecida e trabalhada por forma completamente nova para elle, foi ter com a filha e pediu-lhe que o escrevesse.

Na manhã seguinte, enquanto se vestia, brotou-lhe espontaneamente outro soneto *Cicilide*, se me não falla a memoria. O primeiro demonstra que o amor materno revive duplamente nos

# OS NOSSOS ARTISTAS



A casa de Fernandes Costa — Fachaçada sul (travessa do poente)

Tinha razão. Qual o coração portuguez que não pulsa mais apressado tendo, por exemplo, estas quatro quadras:

*Não tem direito, ninguém tal o dirá, A abandonar-se n'um dormir profundo, Quem, tão grande passado a tanto obriga, Quem tal papel desempenhou no mundo!*

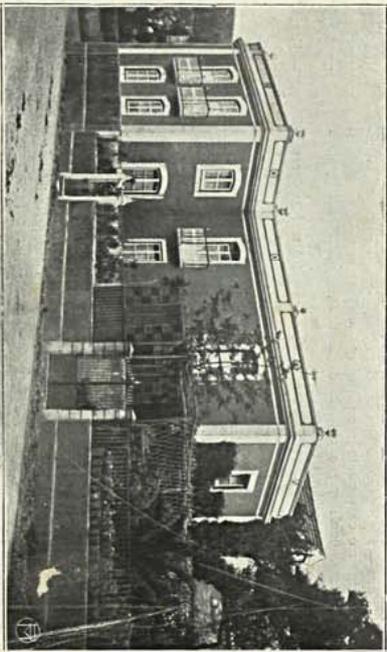
*Um povo que se pecca, não deturca Nem a sombra dos lotros conquistados; A gloria é grande, mas pesado herança; Mantel-a-pura, deve dar cuidados.*

*A gloria é um deposito sagrado; Quem o deixa fugir, por mal, seguro, As maldicoes mercede do futuro, Mostrando ser indigno do legado.*

*Ainda o mesmo genio em nós palpita, O mesmo sangue, em nossas veias, corre; Somos o rijo povo, que não morre! Pois, se muito parece, renasce!*

Fernandes Costa tem todas as qualidades que distinguem a nossa raça, e mais uma que ella, infelizmente, começa a perder: é patria. E todo aquelle pura quem o nome da patria é sagrado conserva intactas a altivez, o orgulho, a vaidade da raça e a combiça na propria força, o que leva muita vez erradamente á combiça nos outros, como o poeta mostra n'este verso:

*Ainda o mesmo genio em nós palpita.*



A casa de Fernandes Costa — Fachaçada sul (travessa do nascente)



A casa de Fernandes Costa — Fachaçada sobre o jardim e um trecho d'este

Julgava, pela propria, a alheia dedicação. Succede sempre assim.

Os grandes corações nunca pensam peor dos outros que de si proprios, e d'ahi deriva uma corrente de desillusões. Não sei se este notavel escriptor as tem tido, mas é o costume.

Voltando ao assumpto de que involuntariamente me desviei, vou trata-lo o melhor que me fôr possível.

\*  
\*  
\*

Os sonetos, é visivel que não são retratos, como muitos poderão julgar. São, como declara o auctor :

*Muitas vistas... mas d'um só mirante  
São muitas faces... mas d'um só cristal.*

E esse cristal é *O Eterno Feminino*. Por exemplo, em *Acrasia* pintou o autor a influencia capitosa e fatal dos prazeres da materia; em *Adelaide*, o temperamento voluptuoso, subjugando e anniquilando o organismo do homem; em *Adélia*, as condições de nivelamento feminino, frequentes em estados sociaes inferiores; em *Alzira*, a imprevidencia economica da mundana; em *Amalia*, a victima commum da rapida saciedade do homem; em *Andrômeda*, a natural impaciencia feminina pela escravidão do matrimonio, o qual se lhe mostra falsamente como uma libertação; em *Anna*, o apêgo feminino á mocidade que lhe foge; em *Annette*, o artificio da fórma como arma decisiva para a conquista do homem; em *Marianna Alcoforado*, a dedicação absoluta dos grandes amores, cruelmente abandonados, etc.

E como estes, tantos outros, citados quasi a seguir, á excepção do ultimo, para mim o mais bello, encerram elevados conceitos. Em todos, repito, é visivel a intenção da referencia á influencia boa ou má da mulher: é evidentissima e mostra a alta concepção do trabalho do notabilissimo poeta. Mas ainda ha mais: as suas notas, que muitos julgarão apenas um elucidario destinado aos menos lidos, são, pelo contrario, de superior deleite para os mais cultos. Encontramos n'ellas estudos conscienciosos de factos historicos encarados sob pontos de vista inteiramente novos, e demolindo, pela finura da observação e da critica documentada, opiniões tidas por abalisadas, modos de sentir e julgar delicadissimos, em que no homem se trahe o poeta eternamente enamorado da rectidão e do bello, como demonstra castigando severamente a duplicidade de Ovidio na nota ao soneto *Barbara escrava*, em que diz: «*Nos amôres de Ovidio, ha duas perversas e maliciosissimas canções, muito mais proprias para desdouro do seu autor, do que as endechas de Camões a negra. Uma d'ellas, é a que dirige a Corinna, para convencê-la de que não tivera amôres com Cypasse, sua aia, quando, de facto, os havia tido; a outra, é a que dirige a Cypasse, para a levar á reuicidencia na concessão dos incriminados favôres, pretendendo vencê-la pelo mêdo d'uma denuncia, com a qual, de certo, a pobre escrava de Corinna muitissimo soffreria.*» Este acto, que provoca no poeta um movimento forte de indignação, arrancaria dos labios da maioria dos homens um sorriso de applauso ou uma phrase de louvor. E' o que, infelizmente para elles, estamos habituados a vêr. Nas notas de *Ariadna* transcreve os *Fastos* de

Ovidio, commentando-os com sabor, e até conta, a proposito d'uma representação da *Ariadna*, em 1686, na Academia Real de Musica, uma interessantissima anecdota.

*Medusa*, considerada por todos os auctores como objecto de espanto e terror, é para Fernandes Costa objecto de piedade que demonstra assim: «*N'este mytho das tres Gorgones salienta-se a iniquidade apparente, e inexplicavel á luz de qualquer moral e de qualquer philosophia, que desde todos os tempos e até á consummação dos tempos todos, presidiu e presidirá ao que se convencionou, mais ou menos resignadamente, chamar a sorte ou destino dos seres humanos.*» Convido os leitores a lêrem com attenção o seguimento d'esta nota que não posso continuar a transcrever pelo pouco espaço de que disponho e pelo muito ainda que me falta dizer ácerca de tão interessante assumpto. A nota a *Ninon de Lenclos*, em que a pinta, apezar das suas faltas, uma creatura cheia de gentileza, para a qual nos sentimos attrahidos na leitura do juizo que elle fórma pela sua superior intelligencia e alto espirito, mostrando-nos n'ella, em breves phrases, muito mais do que uma cortezá impudica, uma criatura que arranja uma philosophia sua, embora extravagante e se guia por ella, porque, segundo a propria phrase de Ninon que elle cita, a gentil franceza reflectiu desde a mais tenra meninice «*sur le partage inégal des qualités qu'on exige dans les hommes et dans les femmes: je vis qu'on nous avait chargées de ce qu'il y avait de plus frivole, et que les hommes s'étaient réservé le droit aux qualités essentielles: dès ce moment je me fis homme.*» Desde o momento que em tão delicado assumpto podesse sêr admittido o livre arbitrio, a espirituosa franceza tinha de ser vista por outro prisma. Esta nota, que não é curta, parece-o á fôrça do interesse que nos desperta. Desejaríamos continua-la, embora se não possa deixar de reconhecer que finda onde deve para não ser prolixa.

A nota ao soneto *Juno* estabelece a necessidade humana de render culto religioso á *essencia feminina*, personificada n'uma divindade que reuna os innumerados attributos da mulher perfeita e exerça nos espiritos e nas almas a doce e mystica influencia do sexo complementar. Demonstra como Juno imperou no Ceu e foi a grande consolação de innumeradas gerações humanas, até que estas a substituiram por Maria Virgem.

E, sem querer, vendo esta epoca de desanimo, descrença e pessimismo, achamo-nos a perguntar:

— E quem substituirá, na crença piedosa do povo, Maria, a grande consoladora dos corações afflictos, o refugio certo das almas dilaceradas?

Não está lá isto escripto, mas acontece com os livros em que as ideias abundam, e este é um d'elles, suggerir, não só muitas outras, como dar margem a longos pontos de interrogação, aos quaes só responde um desolador silencio, porque, na maioria dos casos, a palavra seria cruel ou impossivel.

E', pois, a mais recente obra de Fernandes Costa, como todas as outras, um trabalho que honra as letras patrias, a Academia das Sciencias a que o auctor pertence, e até o sexo que o inspirou: e, quando melhor sorte lhe não seja reservada:

*Emquanto houver na terra portuguezas,  
Ha-de ser lido como o é Camões.*

MARIA O'NEILL.

## ALINE

Loura, dôze annos, rôsto meigo e lindo;  
Eu, mais alguns. A trança lhe pedi.  
«Quando eu crescer,» — me respondeu sorrindo, —  
«Verá como eu lh'a guardo para si!»

Depois, foi para França tempo infindo.  
Vinte annos já, quando outra vez a vi.  
Cumprimentei-a; olhou; mas foi seguindo.  
Não se lembrava já. Reconheci.

Novamente sahi de Portugal;  
Por lá casou; tornando-me á lembrança  
Pela noticia lida n'um jornal.

Alguns annos após, voltou de França;  
Mostraram-m'a na rua, por signal.  
Que esplendida mulher! Que linda trança!

FERNANDES COSTA.

## ALINE

Elle avait douze ans, la blonde mignonne,  
J'avais un peu plus. Un jour je lui dis:  
— Je veux cette tresse — Oui, je vous la donne,  
C'est promis — dit elle, avec un souris.

Peu de temps après la jeune personne  
S'en alla très loin; quand je la revis  
Elle avait perdu (cela vous étonne)  
Jusqu'au souvenir des mots de jadis.

Elle fit encore un autre voyage,  
Et l'on me parla de son mariage  
Célébré là-bas, je ne sais plus où.

Quand ce fut finj de sa longue absence,  
On me la montra, qui venait de France,  
La femme... un amour, la tresse... un bijou!

Leceia, 16-7-1913.

J. A. CELESTINO SOARES.

# A VIDA ELEGANTE

## O Club Brasileiro

A fundação do *Club Brasileiro* em Lisboa não é um facto banal, influindo até de forma notavel na vida mundana da cidade, pela animação que promettem as festas que a nova agremiação tenciona realisar no proximo inverno, e ainda pelo conforto e luxo das suas installações que por egual dão brilho e esplendor como detalhe do aspecto geral da nossa terra.

Desde que soubemos quem trabalháva

teza. Trabalhando a favor da sympathica aggremação estavam os srs. José Nogueira Pinto, dr. Mario de Artagão e João Pereira Machado, tres nomes que dizem inteligencia, vontade energica e perseverança inquebrantavel; não podiam existir duvidas sobre a feliz realisação do seu pensamento. E com effeito, a breve trecho de ser lançada a idéa, o *Club Brasileiro* surgia, garrido e risinho, tendo feito já a sua inauguração particular com uma festa offerecida ao illustre Ministro do Brasil e a sua gentil e distincta esposa Madame Mercedes de Têffé, festa que foi uma promessa brilhante d'um futuro brilhantissimo.

Ha muitos annos que se pensava entre a colonia brasileira, na fundação do seu Club. Não faltavam naturalmente recursos materiaes. A colonia é, como se sabe, na sua maioria rica e



**Mario de Artagão**

*Presidente da assemblea geral do Club Brasileiro*



**J. Pereira Machado**

*1.º Secretario do Club Brasileiro*

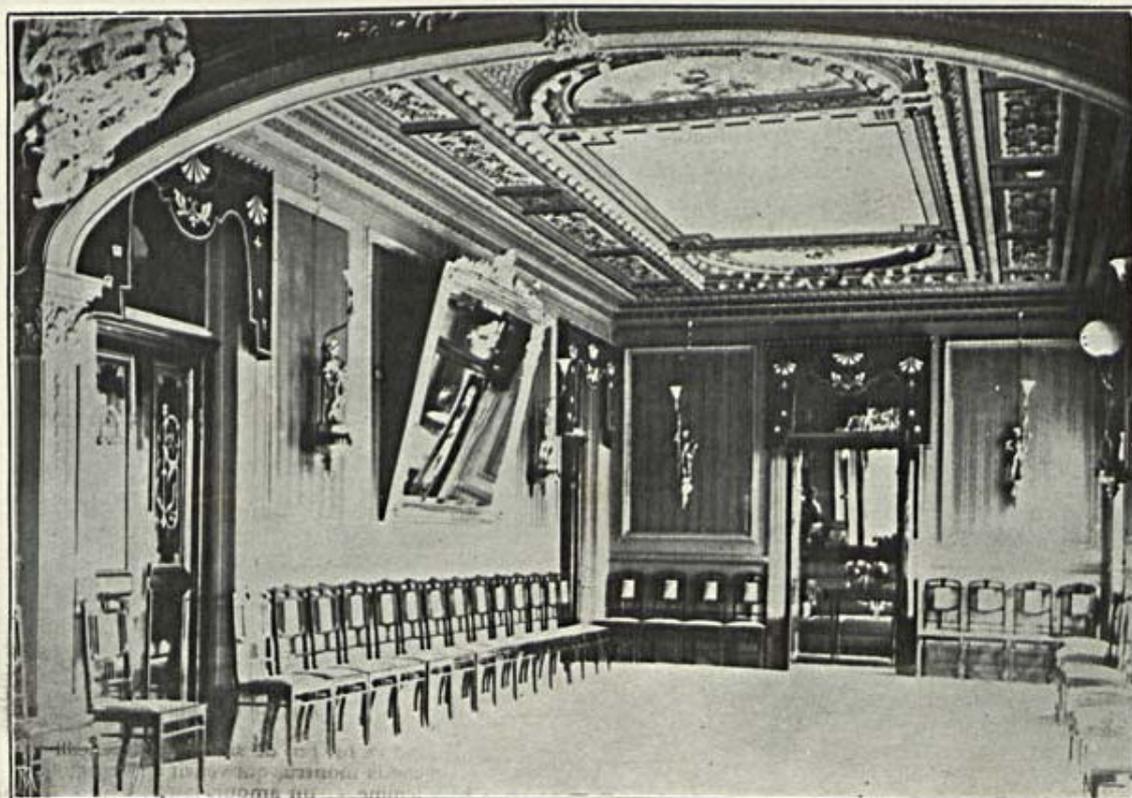


**José Nogueira Pinto**

*Presidente da direcção do Club Brasileiro*

para a criação do novo Club, logo lhe agourámos exito feliz. Ha certos nomes que mais não precisam do que apparecer á frente d'um empreendimento para o considerarmos logo com absolutas condicções de triumpho. Succedeu isto com o *Club Brasileiro* e mais uma vez a previsão resultou em esplendida cer-

todos os seus membros amam extremadamente a sua patria que procuram mesmo de longe honrar e engrandecer. O Club seria como que um rincão alegre do paiz distante. Mas, faltavam aquellas devotadas e absolutas dedicações que vão, na realisação d'uma idéa, até ao sacrificio de interesses e commodida-



**Club Brasileiro — O salão nobre**



Uma festa no Club Brasileiro em homenagem ao novo ministro do Brasil, dr. Oscar de Teffé — A direcção do Club, socios, membros da legação e consulado, e ao centro o ministro

des. Essas dedicações que são poderosas alavancas de todos os empreendimentos appareceram agora; e graças ao seu exorço o Club é um facto.

Tivemos o prazer de visitar ha dias a nova associação instalada n'um vasto primeiro andar da Avenida da Liberdade. Logo na escada e na sua decoração elegante e vistosa se nota o bom gosto de quem a dirigiu. Depois, na pequena sala de entrada, o mobiliario de estylo, os lindos bronzes decorativos e os altos espelhos de rendilhados molduras em talha, mostram bem que ao luxo

se alliou a orientação artistica de modo a produzir um conjunto que encanta a vista, sem a fatigar. Segue-se o salão de dança, amplo, com lindas pinturas no teto, sendo uma d'ellas muito original e interessante; — n'um fundo esbatido, entre nuvens, desenrola-se graciosamente a bandeira brasileira. Dezenas de lampadas electricas, pequenos globos foscas, pontuam esses *panneaux* formando-lhes luminosa moldura. Ha em toda a sala uma exuberancia de luz que dá realce á decoração avivando-lhe a belleza e a elegancia: Deve ter um bello aspecto aquelle salão quando alli se



Uma festa no Club Brasileiro em homenagem ao novo ministro do Brasil, dr. Oscar de Teffé — Grupo de senhoras que assistir am á festa, vendo-se entre outras madame Soto Maior, madame Nogueira Pinto, madame Mario de Artagão e madame Correia Leite. Ao centro madame Mercedes de Teffé, esposa do sr. Ministro do Brasil.

juntarem n'uma grande festa algumas dezenas de senhoras com as suas elegantes *toilettes*. O effeito é seguro.

Depois do salão, ha o gabinete e outras installações da Sociedade de Beneficencia Brasileira que está hoje reunida ao Club.

Alli se vêem em galeria de honra, os retratos de Vieira da Silva, Nogueira Pinto, Mario de Artagão, Henrique Guimarães, conde de S. Salvador de Mattosinhos e outros muitos brasileiros illustres que muito teem trabalhado para o florescimento e prestimo d'essa benemerita Associação de que o Barão de Guamá, foi um dos mais dedicados presidentes. A esse gabinete segue-se a Bibliotheca, o grande salão dos bilhares, os gabinetes de jogo de vasa, os vestiarios para homens, quatro compartimentos completamente independentes e muito bem mobilados, destinados a vestiarios e a toucadores de senhoras em dia de recepção no Club, um buffete, a cosinha e o gabinete da direcção. Para traz ha um esplendido terraço e jardins, desde já illuminados a luz electrica, magnifico refugio dos socios, n'estas noites estivaes. E em todos os compartimentos referidos se nota a mesma orientação de juntar o luxo ao conforto, com sobriedade, sem exageros decorativos e tendo em conta o aspecto artistico do conjuncto.

Como se vê e' melhor se aprecia pelas gravuras que inserimos, o *Club Brasileiro* é hoje uma das melhores associações de Lisboa, occupando desde o seu inicio um logar de destaque. Os seus corpos gerentes estão assim organizados:

**Assembléa geral** — Mario d'Artagão, presidente; José Antonio J. Santos, vice-presidente; Evaristo Lopes Guimarães e João Francisco Rodrigues de Moraes, secretarios; Antonio Ferreira Lopes e Rodrigo Carvalho da Cunha, vice-secretarios.

**Direcção** — José Nogueira Pinto, presidente; Dr. Arlindo da Costa Corrêa Leite, vice-presidente; João Pereira Machado, 1.º secretario; Alberto de Mello Abreu, 2.º secretario; Manoel José Cardoso, thesoureiro; Antonio Ferreira Bacellar e Joaquim Victo-

rino d'Oliveira, vogaes effectivos; Antonio Pinto da Fonseca Motta, Firmino Pedreira do Couto Ferreira e João Borges Alves, vogaes supplentes.

**Conselho fiscal** — *Effectivos*: Joaquim F. da Cunha Sotto Maior, Francisco João d'Amorim e Francisco Manoel da Costa Pereira. *Supplentes*: Guilherme Pereira de Carvalho e José Maria Marques.

**Commissões auxiliares** — *De propaganda*: Manoel Garcia da Silva, presidente. *De festas e diversões*: Alberto de Mello Abreu, presidente. *De exercicios physicos*: Fernando Lapa d'Oliveira Corrêa, presidente.

Tem o *Club Brasileiro* a sua Bandeira. Foi o projecto apresentado pelo dedicado socio sr. João Pereira Machado, hoje 1.º secretario da direcção. Esse projecto foi approved. A bandeira é assim constituída: em campo verde sobreesae uma lista amarella, que é encimada pelas iniciaes C. B. que sobrepõem uma artistica corôa de louro, em cujo remate entrelaçam duas fitas verdes, nas quaes se lêem a divisa escolhida pelo sr. dr. Mario de Artagão e que diz assim: «Unidos sempre».

Do respeito pela completa realisação da natural aspiração que essa divisa resume, não se póde duvidar. A' frente do Club estão homens que pela sua valia moral e intellectual hão-de saber estreitar sempre os laços de fraternal estima que deve unir a colonia. A' frente da Legação do Brasil, está um diplomata illustre que, sendo naturalmente em Portugal o chefe official da familia brasileira, saberá cumprir essa missão com aquella bondade que é inata no seu coração e com o devotado patriotismo que é objectivo constante da sua acção official e particular. Assim a colonia brasileira, amparada e orientada, será perfeitamente modelar, recordando e praticando sempre a licção que está condensada na divisa da sua bandeira: — *Unidos, sempre!*

LUIZ TRIGUEIROS.

## Costumes e symbolos dos primitivos christãos

«N'outro tempo gostavamos da orgia; agora não queremos senão a pureza; apenas tinhamos uma ambição, um objectivo — adquirir riquezas; agora collocamos em commum os nossos bens, repartindo parte d'elles com os pobres; divididos pelas crenças, votavamos uns aos outros um odio de morte e negavamos a com-

munidade do lar áquelles que não eram nossos patricios. Agora depois da vida de Christo, vivemos juntos, familiarmente, e resamos pelos nossos inimigos».

Assim falla S. Justino na sua «Apologia» (l. 14-16) comparando os costumes dos pagãos com os dos primeiros adeptos do Christianismo.

«A hospitalidade dos antigos detinha-se perante as diferenças de raça e de nacionalidade; a philantropia dos philosophos nunca se estendeu a mais do que a uma pequena aristocracia de homens

## Costumes e symbolos dos primitivos christãos

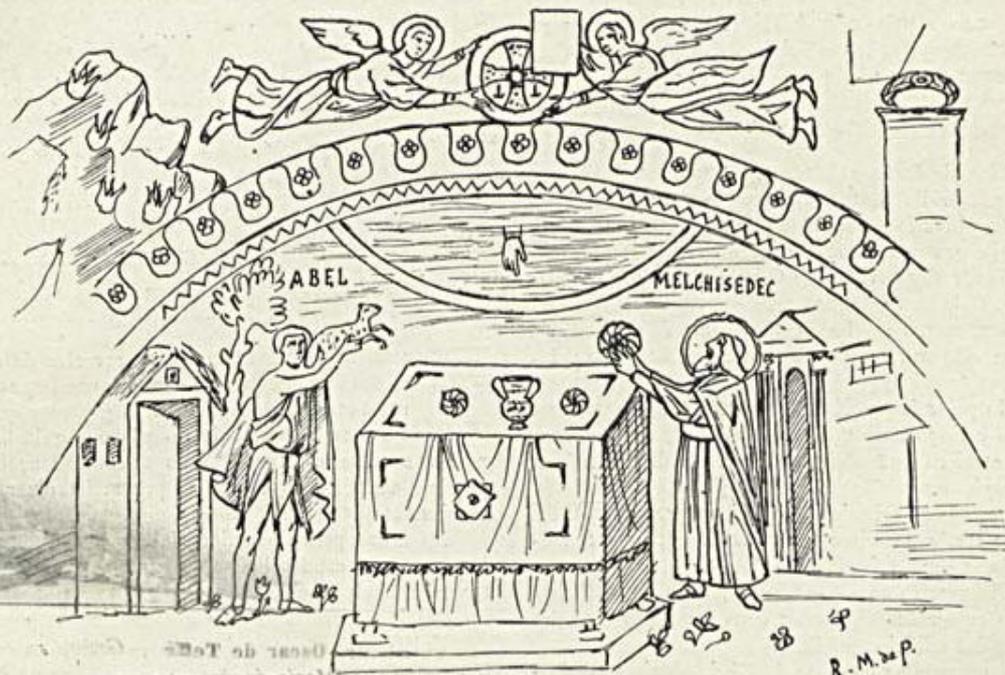


Figura 1 — Mosaico de S. Vital, em Ravenna, com a idea de Deus representada por uma mão

livres; o christianismo, derrubando as barreiras que separavam os homens, ensinou á humanidade um *mandamento novo* — a caridade (S. João XIII, 34).

«A caridade, como diz S. Paulo, é o cumprimento da Lei.»

Inspirando-se n'este sentimento, a sociedade christã constituiu uma comunidade cujos fins eram proteger o culto e desenvolver a beneficencia.

As suas refeições em commum chamavam-se Agapes (do grego *agape* — amor, caridade) e constavam simplesmente do mais indispensavel. Esses christãos consumiam pouco vinho e quando o bebiam tinham por costume dizer:

«*Bibas in Christo*», ou «*Bibas in pace Dei*».

O jejum, aliaz já usado pelos pagãos, que o tinham instituido em honra de Ceres e de Isis, bem como nas iniciações dos mysterios de Cibele e de Eleusis, foi adoptado logo desde o começo do christianismo.

Nos primitivos *agapes* permittiam-se certas dansas como signal



R.M.P.

Costumes e symbolos dos primitivos christãos — Figura 2

Acto de adoração entre os pagãos, copia de uma pedra gravada

de alegria, mas como com o decorrer dos tempos se livessem praticado alguns abusos, foram essas dansas prohibidas pelo concilio de Carthago no anno 397.

Para evitar as represalias dos seus inimigos, usaram os christãos alguns signaes e allegorias que serviam para se conhecerem e que costumavam gravar nas catacumbas e n'outros logares destinados ao culto. Assim, por exemplo, uma mão sahindo das nuvens representava Deus como Poder Creador. E' o que se observa na figura 1, copia d'um mosaico existente em Ravena.

O peixe era tambem um dos symbolos do christianismo, visto que por uma coincidência a palavra ΙΧΘΥΣ, que na lingua grega significa peixe, é formada pelas letras iniciaes das palavras da seguinte phrase da mesma lingua:

Ιησους Χριστος Θεου Υιός Σωτηρ

(Jesus Christo, filho de Deus, salvador).

Este symbolo, segundo diz Tertuliano, deu logar a que os christãos fossem chamados *pisciuli* — pequenos peixes.

A pomba, que já era um animal sagrado entre os hebreus, conforme se deprehe de d'um verso de Cibulo, apparece tambem muitas vezes representada nas catacumbas.

Usavam-se tambem outros emblemas, taes como ΑΩ, alludindo á phrase do Messias: «Eu sou a alpha e a omega», isto é, o principio e o fim.

O signal formado pelas letras X p, dispostas em monogramma, que figurou desde o começo no estandarte de Constantino, encontra-se tambem já anteriormente n'algumas moedas de Colombeos para significar o «ungido».

As letras I H S, que são as primeiras da palavra grega ΙΗΣΟΥΣ (Jesus), encontram-se tambem muitas vezes, sendo igualmente frequente o uso apenas das duas primeiras.

Foi só no seculo III que se começou a representar Jesus Christo crucificado e quanto ao emblema da cruz é no seculo IV que nos apparece na fachada dos edificios publicos.

A effigie mais antiga que se conhece de Christo existe em Roma, na abobada d'uma capella do cemiterio de S. Calixto, visto

que as que estão em Edesa, Nicodemus e S. Lucas, carecem de authenticidade.

A forma da adoração differençou-se logo desde os primeiros tempos do christianismo da que era usada pelos pagãos. A mais usada entre estes consistia em levantar os dedos á altura dos labios (*ad os*) até á bocca e descel-os logo até á imagem, inclinando levemente o corpo. Veja-se a este respeito a figura repro-



Costumes e symbolos dos primitivos christãos — Figura 3

Orante — Pintura mural existente em S. Apolinario 'in classe' em Ravena

duzida do *Dictionaire des antiquités grecques et romaines*, de Rich, e que é copia d'uma pedra gravada.

Os christãos para se distinguirem dos adeptos do paganismo estendiam os braços em posição mais ou menos horizontal, recordando assim Christo pregado na cruz. A nossa figura 3, que representa uma figura de *orante* d'uma pintura mural que existe em S. Apolinario *in classe*, em Ravena, dá uma idéa do que acabamos de dizer.

Os christãos tambem costumavam orar de joelhos, como se vê nos «Feitos dos Apostolos», XXI, 5, costume que se foi pouco a pouco generalizando.

Apesar de que a lingua fallada por Jesus e pelos seus discipulos foi o arameo, lingua do Aram, povo da Syria, a lingua adoptada pela lithurgia nos primeiros seculos do christianismo foi o grego.

Mais tarde, na Africa, o latim substituiu o grego, convertendo-se desde então em idioma da Igreja.

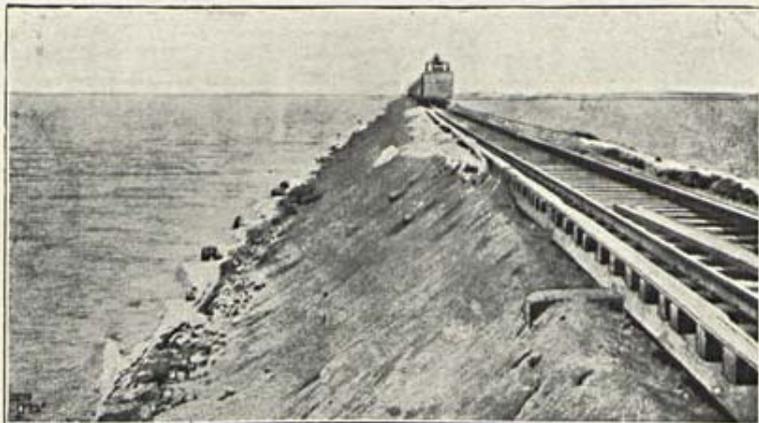
RAMON MARTINEZ DE PINILLOS.

## As grandes linhas de caminho de ferro

EXISTE uma palavra que deve ser riscada dos dictionarios da moderna engenharia: é a palavra *impossivel*. Os engenheiros actuaes são verdadeiros gigantes que alteram completamente a superficie do globo. Aqui abrem um canal, alli perfuram uma montanha, mais adiante lançam atravez de uma planicie uma linha ferrea, e, por assim dizer, *annulam* as distancias.

No nosso passado artigo, fallámos das *locomotivas*; hoje fallaremos das grandes linhas de *caminho de ferro*, não podendo nós ter a ridicula pretensão de fallarmos *em todas*, visto que, para isso, seria necessario fallar de *todas as do mundo*. Hoje as grandes linhas estão, por assim dizer, concluidas, e as linhas, que estão sendo construidas, são secundarias, o que não quer dizer que não haja algumas bastante importantes.

## As grandes linhas de caminho de ferro



Aterro na travessia do Lago Salgado

Limitar-nos-hemos a fallar aqui das linhas que se tornaram interessantes pelas dificuldades da sua construção, começando pelos caminhos de ferro americanos: o Transcontinental Americano e o Canadian Pacific. Só os Estados-Unidos possuem cerca de 380.000 kilometros de vias ferreas.

O Transcontinental Americano inaugurou a sua construção no dia 3 de dezembro de 1863, mas a Companhia encarregada de isso falliu pouco tempo depois e recommçaram os trabalhos em 1865 com mais actividade porque as dificuldades, a partir de Omaha, eram relativamente menores. Uma das grandes difficuldades na construção de essa linha foi o seu traçado no campo e o assentamento da via. Os engenheiros encarregados do estudo no campo eram rodeados por uma especie de policia, e os operarios, muitas vezes, tinham que se refugiar, para resistir ao ataque dos habitantes da região, por traz do comboio, que ia avançando na via, e ahi se entricheiravam fazendo fogo contra os indios que os atacavam. Em 1868 estava-se em plenas Montanhas Rochosas e ahi foi preciso abrir muitos tunneis. Tudo tinha que ser trazido de leste, desde o combustivel e o alimento dos homens até ás travessas, sobre as quaes rapidamente se fixavam os carris.

A linha começou a ser construida em 2 pontos oppostos e, do lado de Sacramento, logo se foi obrigado a atacar a Serra Nevada e attingir uma cota de 2.100 metros, atravez ravinas abruptas e no meio da neve; foi aqui que, pela primeira vez, se empregaram os abrigos de madeira contra a neve, característicos dos caminhos de ferro americanos e que formam verdadeiros tunneis de madeira, sobre os quaes se accumula a neve.

As duas brigadas deviam encontrar-se em Promontory, ao N. do Lago Salgado. No dia 10 de Maio de 1869 foram cravados os ultimos tirafundos, fixando o ultimo carril; a ultima travessa era de loureiro da California; collocaram-lhe 2 tirafundos de prata e 2 de ouro.

Uma das partes mais interessantes de esta linha foi a sua passagem em 2 braços de agua ao S. do Lago Salgado, estabelecendo-se a via dentro de agua em cerca de 35 km. Umas vezes, formava-se um aterro; outras vezes, era preciso mergulhar estacas de madeira dentro da agua, formando pilares.

Alguns aterros eram formados, recorrendo-se a altas pontes de madeira onde os comboios passavam com terra, que era descarregada de um lado e outro.

O Canadian Pacific sahe de St. John e vae até Vancouver. A linha tem 4.800 km. de extensão mas em cerca de 1.000 km. atravessa prados onde era facil fazer o assentamento da via. Mas, em compensação, era preciso transportar as Montanhas Rochosas, soffrer os invernos can-  
ndianos e as suas tempestades de neve.

Os trabalhos de planimetria foram começados em 1871 e em 1876 só havia cerca de 1.000 km. de via assente. Em 1881, quando já se imaginava que a linha estaria construida, foi ella inaugurada até Winnipeg.

Nos arredores do Lago Huron appareceu um solo de

turfa, sem consistencia, onde foi preciso accumular aterros e estacas para estabelecer sólidas fundações para a via.

Era preciso contar com os turbilhões de neve, que enchiam completamente as trincheiras e, para evitar esse enorme inconveniente, de cada lado da trincheira elevavam-se cavalletes de terra, que impediam que a neve as invadesse. Na construção de esta linha, havia cerca de 4.000 homens, 1.700 carros e 2.400 cavallos.

As estações eram de madeira, chegavam desmontadas e eram rápidamente construidas. Só no anno de 1883 foram construidos cerca de 600 km. de linha. Os engenheiros já tinham, para lhes servir, a lição do Transcontinental e assim houve um logar em que, só em 80 dias de trabalho, se construíram perto de 200 km de via.

A linha tambem foi começada do lado do Oceano Pacifico, utilizando o concurso dos Chinezes e de um grande empreiteiro chinez das obras publicas de Victoria.

Se a vida dos operarios era má, a dos engenheiros ainda era peor, pois era preciso atravessar um paiz quasi inexplo-  
rado, no meio da montanha e em gargantas profundas.

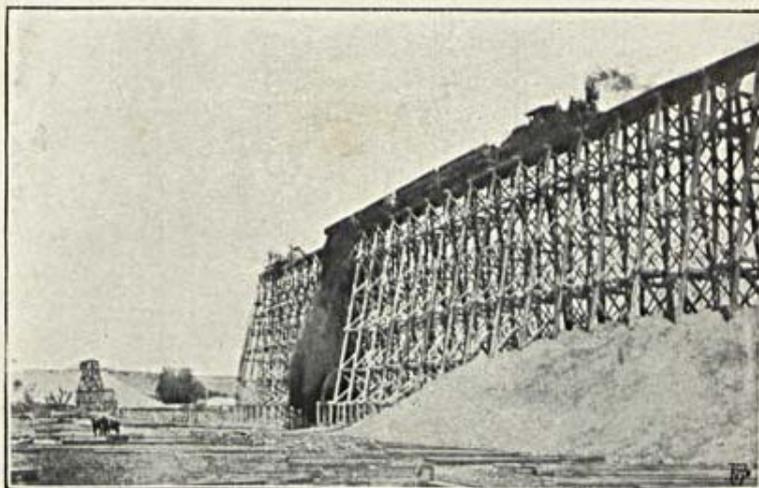
A linha foi praticamente terminada no dia 7 de Novembro de 1885 e é de então que data a importancia de Vancouver.

Não ha nada que consiga aterrar os engenheiros modernos e foi assim que se conseguiu concluir o caminho de ferro do Yukon, região tornada celebre em 1896 juntamente com a de Klondike, pelas descobertas de ouro que ahi se fizeram. Desde 1897 que ahi se precipitavam mineiros, os quaes podiam seguir 3 caminhos. Chegavam pelo que se chama o Canal de Lynn, atravessando a garganta que se chama a White Pass, seguindo mais longe o curso da Ribeira Yukon. A White Pass nem chegava a ser um atalho, era um carreiro aberto pelos Indios e que não podia ser transportado sem o seu auxilio. Houve uma epocha em que n'um espaço de 1.600 metros se acharam os cadaveres de 3.500 cavallos.

Foi para remediar todos estes inconvenientes que se construiu o caminho de ferro do Yukon. Tem 175 km. de desenvolvimento, foi começado em Junho de 1898 e em Fevereiro de 1899 o primeiro comboio attingiu a cota de 850 metros. A via tem 0<sup>m</sup>,90 de largura e, durante o inverno, a neve é expulsa da via pelas locomotivas proprias, de que fallámos no passado artigo.

No caminho de ferro do Cabo ao Cairo ha uma obra de arte muito importante, que é a Ponte do Zambeze, importante não só pela immensa abertura da obra, como pelo facto de terem vindo de Inglaterra todas as peças metallicas, que deviam ser empregadas na fabricação de esse arco leve e robusto.

O Transcaspiano é importante pelas grandes difficuldades materiaes que foi preciso vencer.



As grandes linhas de caminho de ferro

Ponte de madeira para o estabelecimento rapido de aterros

Este caminho de ferro foi destinado a tomar posse do Turkestan e dos territorios que a Russia occupou na visinhança da Persia e do Afghanistan.



As grandes linhas de caminhos de ferro  
*Abrigo de madeira contra a neve*

Não havia agua; era preciso trazer agua do Mar Caspio e distilla-la. Estava-se no meio de dunas de areia, que invadiam a via, á medida que esta se ia estabelecendo. Foram os engenheiros obrigados a recorrer a plantações, a palissadas de madeira para imobilisar esse perigoso agente.

Para atravessar a Ribeira de Oxus, com 3 km. de largura e sem grande profundidade, construiu-se uma especie de ponte de madeira de um comprimento extraordinario, assente em estacas de madeira mergulhadas na areia; a pouco e pouco, substituiu-se a madeira pelo metal.

Vamos agora fallar da Linha de Christiania a Bergen, linha que não tem mais de 450 km. de desenvolvimento mas que teve que vencer difficuldades de toda a especie.

A via atinge a cota de 1.280 metros, muito inferior, sem duvida, á de algumas linhas das Americas e da Europa Central, mas devemos ter em conta a elevada latitude em que ella foi construida; os invernos são rigorosos; o sólo está constantemente coberto de uma espessa camada de neve, remexida por tempestades espantosas.

Os engenheiros procuraram um terreno desimpedido, para que o vento lhes prestasse um grande auxilio limpando a via. Em cerca de 20 km., a via está coberta com os abrigos de que já fallámos. Um dos tunneis abertos para evitar gran-

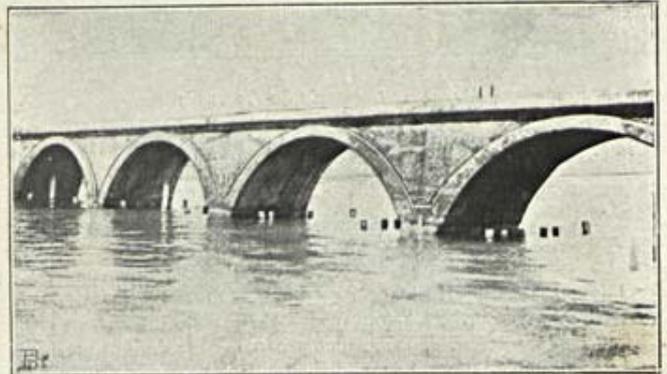


As grandes linhas de caminho de ferro — A estação de Eigergletsch na Linha Yungfrau

des curvas tem cerca de 5,5 km. de comprimento e a sua construcção apresentou toda a casta de difficuldades.

Os trabalhos a céu aberto eram interrompidos durante o inverno, mas os trabalhos nos tunneis continuavam durante a estação fria. Quando se tornava a pegar no trabalho, havia quasi sempre 15 a 18 metros de neve, que era necessario retirar para reencontrar as trincheiras começadas.

Sob outro ponto de vista, assignalemos, como uma das curiosidades da construcção moderna o caminho de ferro maritimo entre a Florida e a ilha onde está Key-West, ilha que está situada a 249 km. de Miassi, pequeno porto da Florida. Entre estes dois pontos ha uma série de pequenas ilhas coralíferas, que se chamam as Cayes.



As grandes linhas de caminho de ferro  
*Um dos viaductos do caminho de ferro maritimo*

Pensou-se em aproveitar estas ilhas para construir no mar um viaducto, uma série de arcos mais ou menos altos ou mesmo aterros reunidos entre si por arcos e supportando uma via ferrea, que ligaria a Florida com Key-West.

A ideia d'este caminho de ferro é devida a um millionario americano, que possui immensas propriedades na Florida. O trabalho a executar para construir a via ferrea por cima da agua representa esforços consideraveis e uma despeza muito elevada. Mesmo na Florida foi preciso estabelecer a linha em terrenos pantanosos onde os aterros logo se enterravam. No mar encontraram-se 47 ilhotas, separadas por canaes de largura e profundidade variaveis. Alguns só tinham alguns centos de metros; os outros tinham varios kilometros. A profundidade em alguns era de 1<sup>m</sup>,00, 1<sup>m</sup>,50 ou 2<sup>m</sup>,00; em outros achavam-se 10<sup>m</sup>,00 e 12<sup>m</sup>,00 de agua. Os processos de construcção variaram segundo as circumstancias, desde os enrocamentos até aos viaductos.

Além d'estes caminhos de ferro, ainda ha os caminhos de ferro de montanhas, como o da Yungfrau e os caminhos de ferro suspensos, como o allemão de Barmen a Elberfeld. Não nos alongamos sobre elles por falta de espaço e limitamo-nos a apresentar a estação de Eigergletsch no caminho de ferro de Yungfrau.

Agora não acharão os nossos leitores que tivemos rasão em dizer que a palavra *impossivel* não existe para os engenheiros?

AFFONSO DE CASTILHO.  
Engenheiro Civil